

Estratégias para uma Cartografia de Controvérsias “Culturais”: o caso dos rolezinhos nos jornais e redes digitais

Strategies for a Cartography of “Cultural” Controversies: The case of *rolezinhos* in newspapers and digital networks

Andre Figueiredo Stangl¹

RESUMO

O artigo explora as possibilidades de uma Cartografia de Controvérsias “Culturais”, inspirada na Cartografia de Controvérsias presente na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, que a princípio mapeia os debates nos domínios técnicos e científicos. O objetivo aqui foi propor um modelo de Cartografia de Controvérsias, com 12 etapas. Como exemplo da aplicação do modelo, observou-se o modo como a polêmica dos “rolezinhos” apareceu em alguns jornais brasileiros e nas principais redes digitais. Essa forma de abordagem Cartografia de Controvérsias demonstrou ser um modo produtivo de estudar fenômenos complexos, por permitir a inclusão de perspectivas diversas, sem necessariamente tentar explicar ou antecipadamente reduzir o fenômeno a uma única possibilidade interpretativa

Palavras-chave: cartografia de controvérsias, cultura digital, rolezinho, jornalismo, teoria ator-rede.

ABSTRACT

This article explores the possibilities of a Cartography of “Cultural” Controversies, inspired by the Cartography of Controversies present in Bruno Latour’s actor-network theory, which initially maps the debates in technical and scientific domains. The goal was to propose a model of Cartography of Controversies consisting of 12 stages. As an example of the application of the model, the way the polemical *rolezinhos* were portrayed in some Brazilian newspapers and in the main digital networks was observed. This method of approach Cartography of Controversies proved to be a productive tool to study complex phenomena, since it allows for the inclusion of various perspectives without necessarily trying to explain or reduce beforehand the phenomenon to one single interpretative possibility.

Keywords: cartography of controversies, digital culture, *rolezinho*, journalism, actor-network theory.

¹ Doutor pela Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. Cidade Universitária - Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Butantã, 05508-020, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: astangl@gmail.com

Introdução

O campo da comunicação é constantemente “cortado”² por novos dispositivos de intermediação/ mediação e novas práticas comunicacionais, o que nos leva a repensar as estratégias para abordar e estudar esses novos fenômenos. Nesse sentido, é interessante a aproximação com a Teoria Ator-Rede, tendo como base um aporte etnográfico (sensível às especificidades da mediação digital), enriquecido e ilustrado com as técnicas da Cartografia de Controvérsias. Essa aproximação pode ajudar a reconfigurar muitas das caixas-pretas³ da área⁴, até mesmo ajudar a redefinir seu lugar junto aos outros campos das ciências humanas. Os fenômenos da comunicação são ricos em interações entre humanos e não humanos, e uma atenção especial a essa relação está no cerne da Teoria Ator-Rede.

Segundo Bruno Latour, no momento presente devemos dar atenção a novos desafios. Como ilustrar as diferentes formas de entender um mesmo assunto? Como formamos um consenso? Como tomamos uma decisão? Pensada originalmente para estudar as controvérsias técnicas e científicas, o desafio da Cartografia de Controvérsias é organizar as informações de modo a permitir que diferentes coletivos e agrupamentos, com interesses diversos, consigam deliberar sobre esses assuntos.

Como, em outras palavras, reencontrar uma objetividade que não repousa mais em uma admiração silenciosa, mas em uma gama de opiniões conflitantes sobre as versões contraditórias dos mesmos problemas? Como podemos relacionar essas versões a fim de obter uma opinião? Essa é a questão do que eu chamo de cartografia das controvérsias científicas e técnicas (Latour, 2007, p. 83)⁵.

Assim, inspirado na proposta da Cartografia de Controvérsias, o presente artigo apresenta uma adaptação da estratégia de cartografia focada nos debates do domínio “cultural”. Toma-se o cuidado de usar aspas, como nos alerta Manuela Carneiro da Cunha, pois a “cultura” que nos interessa aqui não é a cultura que esconde a política das afirmações identitárias, nem a que se opõe a um abstrato conceito de natureza. Segundo Cunha:

Falar sobre a “invenção da cultura” não é falar sobre cultura, e sim sobre “cultura”, o metadiscurso reflexivo sobre cultura. [...] a coexistência de “cultura” (como recurso e como arma para afirmar identidade, dignidade e poder diante dos Estados nacionais ou da comunidade internacional) e cultura (aquela “rede invisível na qual estamos suspensos”) gera efeitos específicos (Cunha, 2009, p. 373).

Assim, a Cartografia pode ajudar a encarar mais amplamente esses debates, sem reduzi-los apenas ao plano do simbólico, por levar em conta seus desdobramentos ontológicos, acaba sendo uma forma de reencontrar ou reinventar novos caminhos diplomáticos para a convivência entre agrupamentos e associações diversas. Mas não devemos esquecer que um dos cuidados da Teoria Ator-Rede é justamente não limitar essas associações apenas aos humanos. Uma Cartografia das Controvérsias “Culturais” também deve olhar para os não humanos envolvidos no debate, sejam eles tecnologias, espécies, locais, práticas, etc.

Cartografar as redes⁶ que atuam em uma polêmica cultural pode ser uma forma de deslocar nossas caixas-pretas⁷ culturais, abrindo novas possibilidades de entendimento sobre pontos que parecem indiscutíveis. A cultura sem aspas, diferentemente da “cultura”, pode ser entendida como um híbrido⁸ que tentamos estabilizar através de preconceitos, cânones, padrões estéticos, bom gosto, identidades, tradições, nacionalismos, etc. Essas

² Segundo Marilyn Strathern: “Cortar é uma metáfora usada pelo próprio Derrida para o modo como um fenômeno interrompe o fluxo de outros” (Strathern, 2014, p. 304).

³ A metáfora da caixa-preta foi usada por Latour (2000), no livro *Ciência em ação* (1987), para ilustrar todo conceito (ou actante) estabilizado.

⁴ É um indicativo observar que a revista Contemporânea (FACOM/UFBA) propôs recentemente um dossiê temático sobre a interface da Teoria Ator-Rede com os estudos de comunicação. O objetivo foi revelar o estado da arte do desenvolvimento destas pesquisas no país.

⁵ A tradução foi feita por Jamille Pinheiro Dias.

⁶ Como alerta Latour, a sua concepção de rede não se limita às redes sociotécnicas, ou a internet, pois as redes de associações antecedem a criação da World Wide Web (Latour, 2012, p. 207).

⁷ A metáfora da caixa-preta é usada por Latour para ilustrar todo conceito (ou ideia) aparentemente estabilizado (portanto “indiscutível”) sobre algum fenômeno (ver Latour, 2000).

⁸ Segundo Latour, os híbridos desmontam “a ilusão moderna de que é possível isolar o domínio da natureza, das coisas inatas, do domínio da política, da ação humana” (Latour, 2004).

seriam algumas das caixas-pretas que podem se abrir quando surgem as controvérsias “culturais”, o que conseqüentemente explicita a distinção proposta por Cunha entre culturas naturalizadas e “culturas” inventadas.

Assim, para fazer essa Cartografia, podemos partir das polêmicas retratadas no jornalismo cultural, ou de casos que primeiro repercutem nas redes digitais, sejam discussões sobre qualidade, gosto, relevância, ou valor de obras ou manifestações culturais. O que importa é a existência de um debate, de defesa de preferências de forma acalorada, como a questão das cotas raciais ou sociais; ou a reação a um beijo gay em uma novela; ou a repercussão das declarações do cantor Ed Motta; ou a suposta pedofilia de Woody Allen e como isso afetaria a recepção de sua obra; ou a influência da grande mídia (Globo, *Veja*, etc., muitas vezes chamadas de PIG) na formação do gosto e da opinião pública; ou a questão das biografias e o limite entre privacidade e liberdade de expressão; ou as implicações estéticas, pedagógicas e ideológicas de fenômenos como funk ostentação; etc. São temas que geralmente envolvem grandes discussões, mas que nem sempre parecem ajudar na compreensão mais ampliada do que foi debatido. Em geral, esse tipo de tema divide a opinião entre grupos a favor ou contra, que, semelhantes a torcidas de futebol, recusam-se a considerar a posição contrária, esgotando a possibilidade racional (ou relacional) do debate.

Seria essa uma característica desse tipo de enunciação? Os jogos de linguagem relacionados ao universo cultural estariam fadados a gerar debates sem fim ou finalidade? Eternamente presos nos labirintos do relativismo cultural/simbólico? Como nos lembra Latour,

O relativismo cultural só é possibilitado pelo sólido absolutismo das ciências naturais. Tal é a posição padrão nos intermináveis debates que se travam, por exemplo, entre a geografia física e a geografia humana, a antropologia física e a antropologia cultural, a psiquiatria biológica e a psicanálise, a arqueologia social e a arqueologia material, e assim por diante. Há unidade e objetividade de um lado, multiplicidade e realidade simbólica do outro (Latour, 2012, p. 173).

Talvez a Cartografia ajude a traçar rotas, não de soluções, ou respostas mais verdadeiras que outras sobre

essas questões, mas no sentido de apontar saídas mais interessantes e enriquecedoras para todos os envolvidos. Se olharmos para a história, parece que a cultura, enquanto expressão artística, sempre envolveu grandes polêmicas. Sejam os livros queimados de James Joyce, as declarações de John Lennon sobre Cristo, as divergências (ou não) entre Lobão e Caetano, a apreciação (ou não) do lepo-lepo do Psirico, ou do maxixe, ou do urinol de Marcel Duchamp, etc. Mesmo quando se trata da cultura enquanto identidade, ou tradição, basta ver a intensidade dos debates sobre as questões territoriais dos quilombolas e dos indígenas. Para nossa Cartografia, a repercussão da polêmica que envolve o actante⁹ artístico/cultural pode ser um bom indicativo do alcance e das possibilidades de conseguirmos seguir os rastros de todos os envolvidos. Assim, é importante lembrar que o sentido da Cartografia não é fechar uma explicação sobre os fenômenos culturais, mas ajudar a traçar novas rotas, ajudando a visualizar outras perspectivas das “culturas”.

Cartografando a Cartografia

Não cabe aqui traçar o mapa dos desafios epistemológicos da comunicação, mas sem dúvida vale apontar alguns dos passos que levam em direção à aproximação da Teoria Ator-Rede com o campo da comunicação. No Brasil¹⁰, destaca-se o trabalho do antropólogo Theophilos Rifiotis (Rifiotis, 2010a, 2010b, 2012, 2014), além das pesquisas de André Parente (Parente, 2004), Simone Pereira de Sá (Sá, 2009, 2011), Fernanda Bruno (Bruno, 2012), Erick Felinto (Felinto, 2013), Lúcia Santaella (Santaella, 2013) e Massimo Di Felice (Di Felice, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b), entre outros.

Sendo André Lemos (Lemos, 2011, 2012, 2013a, 2013b, 2013c), atualmente, o principal pesquisador a apontar tentativas de aproximação entre a Teoria Ator-Rede e a comunicação nos estudos das associações entre humanos e não humanos (principalmente dispositivos digitais), como ilustra seu último livro: “*comunicação das coisas – Teoria Ator-Rede e cibercultura*”. Esse livro, por sinal, é atualmente a mais completa tentativa de exploração dessa

⁹ Actante é um termo da linguística de Greimas, que pode indicar esse híbrido de ator e rede que rastreamos nas cartografias.

¹⁰ Seria prematuro dizer, mas tenho indícios que apontam que essa aproximação entre a comunicação e a Teoria Ator-Rede pode ser mais forte aqui no Brasil do que em outros países. Já em 2011 ocorreu um interessante debate sobre essa aproximação na ABCiber. Veja um relato em Ecoexperiência (2011) e um resumo em Dispositivos de Visibilidade (2011).

aproximação, primeiro traçando um breve histórico dos fundamentos da Teoria Ator-Rede e depois descrevendo algumas estratégias de Cartografias de Controvérsias desenvolvidas com seus alunos no curso de Comunicação da UFBA.

Segundo André Lemos, a Cartografia de Controvérsias nos ajuda a desenhar um quadro onde podem ser representadas as diversas posições sobre algum tema polêmico, desmembrando o papel dos actantes humanos e dos não humanos. E, quem sabe, assim, ajuda a organizar objetivamente a busca por um consenso, ainda que temporário. A objetividade desse consenso então se daria na atenção distribuída entre os diversos coletivos, cabendo à Cartografia de Controvérsias ilustrar as mediações mostrando as transformações e os deslocamentos. Para ele, a Cartografia de Controvérsias

É o lugar e o tempo da observação, onde se elaboram as associações e o “social” aparece antes de se congelar ou se estabilizar em caixas-pretas. A visibilidade da rede se dá nas controvérsias. [...] É pelas controvérsias que vemos o social em sua tensão formadora, em seu “magma”, como prefere Venturini (Lemos, 2013c, p. 55).

O trabalho de refazer as associações, ilustrando suas posições na rede de relações que configuram uma controvérsia, também é uma forma de buscar estabilizações. Mas sem almejar ser o juiz da controvérsia, sem apresentar soluções, apenas indicando as direções possíveis. Como diz Lemos, “onde há estabilização, só há intermediários. Onde há controvérsia, há mediadores, actantes” (Lemos, 2013c, p. 105). Por isso, a Cartografia de Controvérsias é uma forma de buscar documentar os movimentos e os deslocamentos entre intermediação e mediação.

A controvérsia é o momento ideal para revelar a circulação da agência, a mediação, as traduções entre actantes, a constituição de intermediários, as relações de força, os embates antes de suas estabilizações como caixas-pretas (Lemos, 2013c, p. 106).

Com isso conseguimos rastrear se há algum tipo de agenciamento ou influência mais determinante de algum actante, mas só durante as controvérsias conseguimos perceber a rigidez das caixas-pretas. No entanto, no calor do debate, muitas vezes elas se desestabilizam, deixando sua função de intermediária, quase invisível, e assumindo a posição de mediadora, ou seja, assumindo sua ação.

Enquanto “magma”, as relações não estão nem no estado líquido (onde ainda não temos actantes, apenas indiferenciação), nem sólido (onde só temos caixas-pretas, resolução e estabilização) [...] Controvérsias resistem às reduções e apontam sempre para inúmeros fatores. Elas aparecem na desestabilização, quando o que estava no fundo, imperceptível e estabilizado, passa para a frente da cena, colocando o problema em evidência e gerando novas mediações [...] Os fenômenos que merecem ser escolhidos para CC são justamente aqueles em que os actantes ainda não estão harmonizados. Onde as traduções estão vivas, quentes, em movimento, onde a circulação é mais intensa e inacabada (Lemos, 2013c, p. 106-111).

Na Cartografia de Controvérsias, os pesquisadores não precisam tentar ser imparciais, pois, em muitos casos, eles são também actantes na rede que compõe o debate cartografado. Como diz Lemos: “O que se entende por objetividade nada mais é do que o conjunto mais ou menos estável de olhares sobre um determinado objeto ou fato ‘social’” (Lemos, 2013c, p. 111). Assim, a Cartografia de Controvérsias não deve se limitar à perspectiva conceitual do pesquisador (seu campo, domínio ou área), ou mesmo a uma posição espacial (global ou local), o que poderia impedir os diversos actantes de aparecer e sustentar suas posições na intrincada rede de recomposição e recombinação desenhada na Cartografia de Controvérsias (Venturini, 2010, 2012).

Os rastros de uma controvérsia, cultural ou não, podem ser seguidos através da cobertura da mídia, na web, no Twitter, na blogosfera, no Facebook (Lemos, 2013c, p. 120). Mas não se pode esquecer que “toda percepção de rastros é, ao mesmo tempo, produção”. Quando identificamos um debate, de alguma forma alimentamos esse debate com nossa atenção, e isso deve ser levado em conta na Cartografia, mas isso não torna a pesquisa mais ou menos relevante. O pesquisador não precisa inventar uma controvérsia, mas ela precisa ser reconhecida como tal. Também não é o pesquisador que diz quando ela começa, nem quando termina. Mas, como diz Lemos, “ela é finalizada quando os actantes conseguem estabelecer um compromisso de viverem juntos, quando não há mais conflitos” (Lemos, 2013c, p. 113).

Podemos dizer que a Cartografia de Controvérsias é uma tentativa de ajudar a reagrupar o social a partir dos rastros deixados pelos mediadores no momento das transformações e dos deslocamentos, quando os conceitos que ajudam a formar a identificação dos coletivos ainda

estão vivos e aquecidos. Mas se queremos respeitar a pluralidade desses agrupamentos, a especificidade das situações redesenhadas não pode ser estereotipada ou generalizada, o que descaracterizaria a complexidade do curso da ação. Como diz Lemos: “Os actantes querem sair das controvérsias e a tendência é resolverem suas diferenças na formação de caixas-pretas, como se o futuro das redes e das associações fosse a estabilização” (Lemos, 2013c, p. 114). Ainda que se reconheça a importância dessas estabilizações na composição do mundo comum, não se deve esquecer sua transitoriedade; sem isso, caímos nos fundamentalismos, nos determinismos e na impossibilidade de qualquer diálogo.

Podemos notar que, no domínio da cultura, algumas controvérsias são cíclicas. É como se parte do seu movimento, do seu modo de existência, fosse alternar entre intermediar e mediar as diversas formas de recomposição do magma social. Como lembra Lemos: “Mediadores sempre lutam para diminuir a complexidade do social” (Lemos, 2013c, p. 114). Por outro lado, as controvérsias surgem, e parece que nada pode impedi-las de surgir. Resta-nos apenas aprender com elas novas formas de conviver.

No presente artigo tentaremos mostrar as etapas de uma Cartografia de Controvérsias Culturais e ilustrar a estratégia, seguindo os rastros do caso dos rolezinhos.

Etapas da Cartografia de Controvérsias

As etapas apresentadas nesse artigo são uma adaptação experimental do roteiro indicado no site do *Macospol Platform Tutorial* (<http://www.mappingcontroversies.net/Home/PlatformTutorial>) e da proposta conceitual desenvolvida por Venturini (2010, 2012). Além de me inspirar nas alternativas desenvolvidas por outros pesquisadores, proponho 12 passos para a Cartografia de Controvérsias Culturais (CCC).

Passo 1 - Temperatura¹¹

O primeiro passo é identificar a “temperatura” da controvérsia. Se o tema for atual, será quente e será mais fácil encontrar debates e relatos nas redes sociais e nos principais jornais. Basta pesquisar no Google e no Goo-

gle News (<https://news.google.com.br/>), por exemplo. E se for uma controvérsia mais antiga, pode-se buscar no banco de dados de grandes jornais (nacionais ou regionais), como *Folha* (<http://acervo.folha.uol.com.br/>), *Estadão* (<http://acervo.estadao.com.br/>), *O Globo* (<http://acervo.oglobo.globo.com/>), etc. e até na Wikipédia.

Passo 2 - Visualização

Visualizar o alcance e os desdobramentos da controvérsia nas redes digitais.

O *software* Gephi (<https://gephi.org/>) é a opção mais completa e complexa de visualização, mas também é possível usar algum serviço de indexação e análise a partir de *hashtags* no Twitter (por exemplo, Twitonomy [<https://www.twitonomy.com/>], Trendsmap [<http://trendsmap.com/>], etc.). Ou pesquisar a repercussão na internet usando o Google Trends (<https://www.google.com/trends/?hl=pt-br>). Se for uma controvérsia mais antiga, ou envolvendo algum autor específico, pode-se usar o Google Books Ngram Viewer (<https://books.google.com/ngrams>).

Passo 3 - Cronologia

Criar uma *timeline*/cronologia da controvérsia. Se for possível, já fazendo algum tipo de classificação. Usar alguma ferramenta como o Tiki-Toki (<http://www.tiki-toki.com/>) ou Timetoast (<https://www.timetoast.com/>).

Passo 4 - Diagrama ator-rede

Criar uma visualização gráfica que identifique as principais fontes de posições e oposições sobre a controvérsia. Usar algum tipo *software* de mapa mental, como o Mindmeister (<https://www.mindmeister.com>) ou Examtime (<https://www.examtime.com/pt-BR/>).

Passo 5 - Desdobramentos

Tendo como base o diagrama ator-rede, identificar os subtemas relacionados com a controvérsia. É como uma segunda camada ou um segundo momento do fenômeno estudado.

Passo 6 - Fronteiras

Originalmente criado como uma forma de identificar no diagrama ator-rede os riscos envolvidos em uma controvérsia científica, por exemplo, os riscos à saúde humana no caso dos transgênicos. Mas, no caso das controvérsias culturais, poderiam ser as situações onde existe risco de violência física ou simbólica. Ou seja, em que

¹¹ Com exceção do primeiro passo, não existe necessariamente uma ordem a ser seguida.

situações e locais essa controvérsia pode gerar discursos violentos? Por exemplo: intolerância e palavrões nos comentários, nos fóruns, nas redes, nos bares, etc.

Passo 7 - Microdiscursos

Uma curadoria de frases, comentários, debates e memes sobre a controvérsia, tendo como base as redes sociais, como Twitter, Facebook, etc., para investigar o que as pessoas estão dizendo sobre a controvérsia. Pode-se usar a busca do próprio sistema, pesquisas em sua própria *timeline* e rede de amigos. Para criar uma visualização gráfica dos discursos pode-se usar o Wordle (<http://www.wordle.net/>).

Passo 8 - Macrodiscursos

Uma curadoria das principais opiniões na grande mídia, ou de “formadores de opinião” envolvidos e interessados na controvérsia (empresas, coletivos, tribos urbanas, etc.). Também pode-se usar o Wordle.

Passo 9 - Geolocalização

Criar um mapa, usando o Google Maps (<https://www.google.com.br/maps>), localizando geograficamente os eventos e os atores relacionados com a controvérsia.

Passo 10 - Glossário

Um glossário de termos específicos usados na controvérsia.

Passo 11 - Acervo

Um espaço para reunir conteúdos relacionados com a controvérsia. Links, vídeos, imagens, reportagens, artigos, etc.

Passo 12 - Apresentação

Todos os passos anteriores devem ser reunidos em algum tipo de publicação digital, que ajude a visualizar os

diversos aspectos da controvérsia. A forma mais prática é usar algum gerenciador de conteúdos como Wordpress ou Blogger, mas, dependendo do tipo de controvérsia, pode-se montar um Pinterest ou um Tumblr com as principais imagens relacionadas à controvérsia, por exemplo.

Cartografia dos rolezinhos

Para exemplificar a estratégia proposta, faremos a seguir o esboço de quais seriam os passos de uma Cartografia de Controvérsias Culturais específica. A controvérsia escolhida diz respeito a um fenômeno recente e bastante curioso: os rolezinhos. Em 7 de dezembro de 2013, um encontro de jovens, mobilizado via Facebook, reuniu aproximadamente 6 mil jovens no shopping Metrô Itaquera, na periferia de São Paulo. Chamaram a atenção a emergência e a velocidade com que os jovens foram se agrupando no espaço físico da entrada do shopping. A aglomeração, que aparentemente tinha intenções pacíficas, acabou gerando tumulto e violência. Além disso, acabaram ocorrendo vários outros episódios semelhantes em diversas cidades do país. O fenômeno ficou conhecido como “rolezinho” e alimentou grandes debates nas redes digitais e na grande mídia.

Ao todo, já são 23 eventos, em vários estados, movimentando mais ou menos 15 mil jovens até meados de 2014. Mesmo agora, em 2016, quando a repercussão parece menor e a grande mídia deixou de dar atenção ao fenômeno, multiplicam-se os casos em cidades do interior e até em Portugal existem relatos de agrupamentos semelhantes, que por lá são chamados de *meet*. No entanto, parece que só existe interesse da grande mídia nos relatos dos eventos onde acaba acontecendo algum tipo de violência. Talvez por isso, o rolezinho do dia 17/01/2016, com aproximada-



Figura 1. Capas.
Figure 1. Covers.

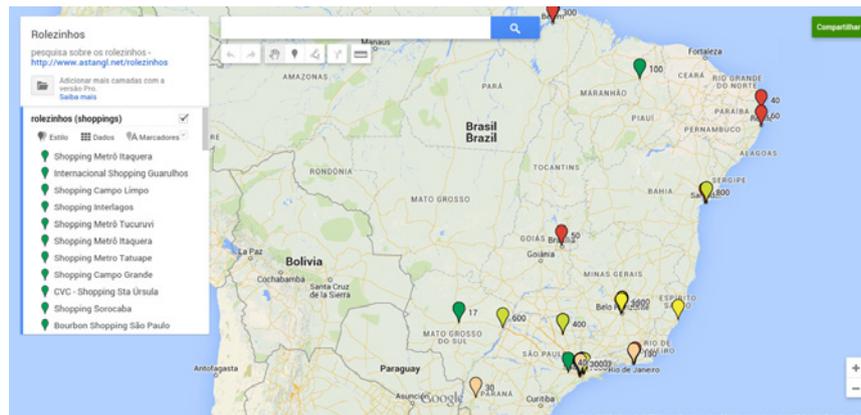


Figura 3. Geolocalização no Brasil.
Figure 3. Geolocation in Brazil.

coibidos. Mas também existem casos que usam como estratégia a invasão de shoppings para chamar a atenção para suas pautas, como, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto. Em geral, esse tipo de rolezinho atrai um número consideravelmente menor de participantes, movimentando até agora mais ou menos 1.400 militantes.

No período estudado (2013 a 2015), a maioria dos eventos ocorreu no estado de São Paulo, tanto na capital como no interior. Mas pode-se notar a expansão do fenômeno por outras capitais e cidades do interior. No entanto, esse levantamento quantitativo¹⁴ tem a limitação de depender da repercussão, quase sempre negativa, dos eventos na grande mídia. Encontros com apenas 30 jovens podem ser noticiados como rolezinhos, desde que ocorra algum tipo de conflito, seja com a administração do shopping, seja com outros grupos. Porém, se o encontro não gerar nenhum tipo de desconforto, não será noticiado e dificilmente conseguiríamos cartografá-lo.

Passo 6 – Fronteiras

Basta uma rápida olhada nos comentários das principais reportagens ou vídeos sobre rolezinhos para ver várias manifestações de agressividade e repulsa, muitas vezes motivadas pela associação dos rolezinhos com o estilo musical funk ostentação. Mas uma análise mais detalhada da rede dos envolvidos na controvérsia sobre os rolezinhos identifica que, muitas vezes, o maior risco

para os jovens são os outros jovens. Esse foi o caso do Lucas, apontado como o criador do famoso rolezinho de 7 de dezembro, morto numa briga em uma festa (fluxo) de funk na periferia de São Paulo.

Passos 11 e 12 – Acervo e Apresentação

A melhor forma de apresentar e organizar um acervo sobre o tema de uma Cartografia é fazer um site. Assim, no endereço <<https://andrestangl.wordpress.com/pesquisas/>> estão disponíveis as reportagens, imagens, vídeos e artigos acadêmicos reunidos até agora sobre a controvérsia aqui investigada.

Passos 7 e 8 – Microdiscursos e Macrodiscursos

Ao lado, algumas das palavras-chave do debate, a partir da leitura das principais reportagens e dos textos opinativos sobre os rolezinhos¹⁵.

Passos 4 e 5 – Diagrama ator-rede e Desdobramentos

Fazendo algumas observações preliminares sobre o fenômeno dos rolezinhos, uma característica interessante é o fato do rótulo “rolezinho” só ganhar relevância quando passa a ser propagado nos jornais. Eventos anteriores que apresentavam as mesmas características dos rolezinhos foram chamados de “confusão”, “arrastão”, “tumulto”, “quebradeira” e “invasão”. Mesmo depois da propagação do termo, muitos jovens participantes dos rolezinhos

¹⁴ Na listagem dos eventos identificados até agora, foram levados em conta apenas os eventos que aconteceram; assim, foram desconsideradas as tentativas desarticuladas, seja por terem a página do evento no Facebook censurada, seja por algum tipo de repressão na entrada dos shoppings ou parques.

¹⁵ Na presente visualização, ainda não estão incluídas as postagens dos jovens nas redes digitais, pois este será o tema de outro artigo.

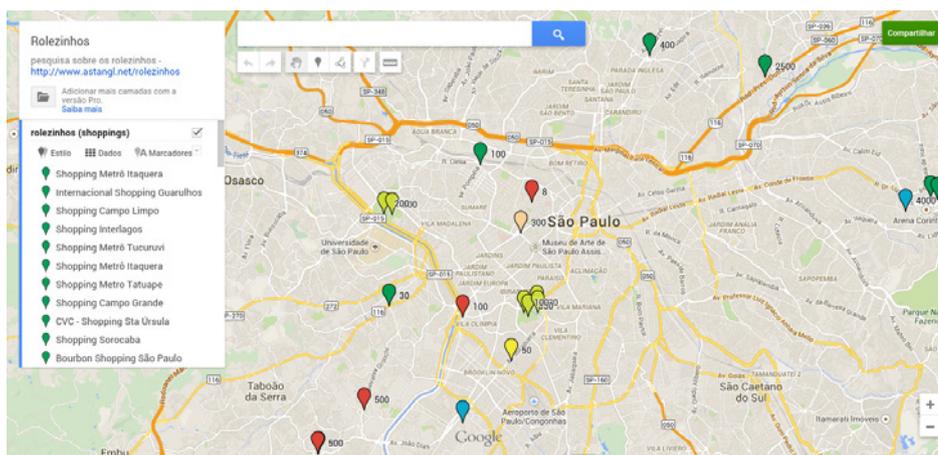


Figura 4. Geolocalização em São Paulo.
 Figure 4. Geolocation in São Paulo.



Figura 5. Palavras-chave.
 Figure 5. Keywords.

pareciam estranhar o rótulo. Agora, até grupos oficiais de rolezinhos têm seus representantes dialogando com o governo.

Tentando diagramar os actantes dos rolezinhos, a primeira associação a chamar atenção é a relação espaço/ação: os rolezinhos ocorrem em shoppings e parques. Já os rolezinhos de protesto só ocorrem em shoppings, assim como os pré-rolezinhos, enquanto os rolezinhos oficiais nunca ocorreram em shoppings.

Na complexa rede dos rolezinhos de São Paulo atuam: os *selfies* (fotos) dos famosinhos em suas *timelines* (no Facebook), o uso de marcas de grife, o suposto consumismo, as danças masculinas, o uso de celulares para tocar funk sem fones de ouvido, os bonés de aba reta, os aparelhos de dentes, as brigas e os chavecos. Sem dúvida, o elemento que mais chama a atenção é que o rolezinho só é

possível com a ajuda das redes digitais, mas também seria impossível sem a rede elétrica, os sistemas de transporte e espaços como os shoppings ou parques.

Controvérsias

Em um curto período de tempo, houve uma explosão de reportagens na grande mídia sobre os rolezinhos; alguns colunistas, os clássicos formadores de opinião, tentaram tecer análises e estabilizar o evento partindo de categorias da sociologia ou de posições ideológicas. Podemos dividir questões de fato *versus* questões de interesse em três oposições básicas: os que identificam uma novidade política ou cultural, os que criminalizam a ação e os que remetem a explicações prévias (desigualdade social e discriminação racial). A seguir alguns poucos exemplos que ajudam a ilustrar a quarta incerteza, com destaque em **negrito** para os principais posicionamentos.

*O rolezinho é uma **novidade política**, comportamental e estética das mais importantes. O encontro marcado por jovens paulistas em grandes shoppings para “subir as escadas rolantes num sentido contrário, ouvir funk, zoar e beijar” é um acontecimento que mostra a juventude da periferia inventando uma **nova linguagem de produção de presença pública**. [...] O rolezinho vai além e traz à cena os adolescentes populares. Orkutizando a estética das manifestações.*

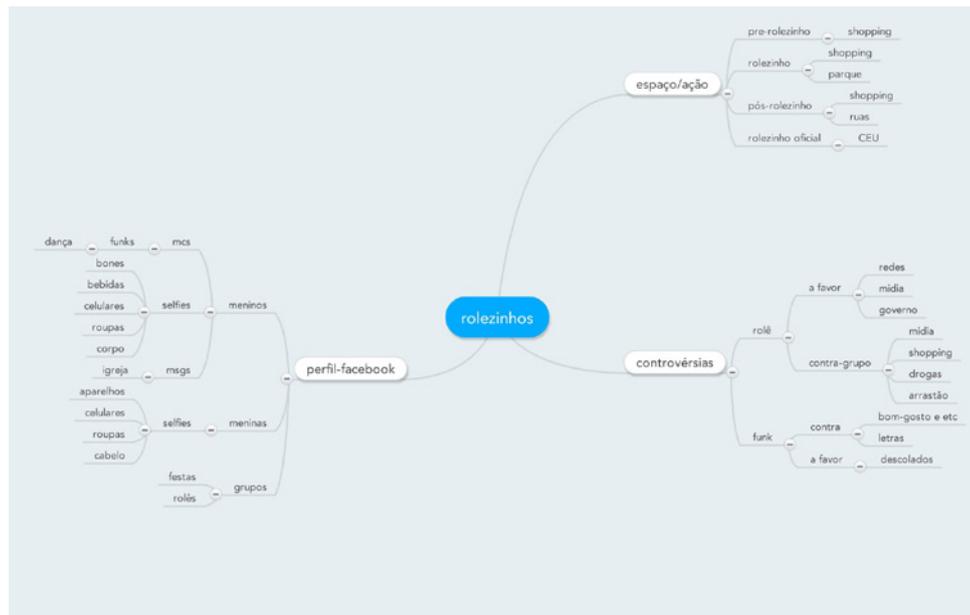


Figura 6. Diagrama.
Figure 6. Diagram.

Falo de orkutização como uma forma de “copiar e colar” repertórios que não são de uma comunidade com outros atores sociais não organizados reoperando. Ali no rolezinho tem um pouco de junho de 2013, um pouco de estratégia de guerrilha, um pouco de intervenção urbana, happening, baile, um pouco dos filmes americanos de adolescentes nos shopping centers etc. São eles reoperando os repertórios que conhecem com o próprio corpo, para além das bandeiras políticas consensuais, produzindo uma **ação que coloca em xeque o lugar dos shoppings**. Já que os shoppings marcam a experiência afetiva desta geração, eles precisam se tornar mais abertos às formas de expressão desta juventude e não apenas serem um lugar de captura dos desejos para o consumo (Faustini, 2013).

Alguns textos, inclusive, assumem os rolezinhos como proposta política, uma forma de ação não mediada pela classe política.

O Brasil está em transe e **os jovens não querem nem saber** se os governantes vão criar rolezódromos, centros culturais ou que tais para preservar a segurança e o sono das “pessoas de bem” nos templos máximos do consumo de “classe”. Mas como assim?, se as propagandas nos bombardeiam a todos, diariamente, para consumir, consumir e consumir? **A nova geração – em todas**

as classes sociais – quer consumir, consumir com ostentação, inclusive a música que a representa atualmente com maior precisão. Acontece que, se os batidões incomodam muita gente, uma ou várias dezenas desses jovens reunidos num shopping incomodam muito mais. O rolezinho, diz a imprensa mundial, é um **“flash mob dos pobres”**. Não, é bem mais que isso. Origens escravocratas, racismo e apartheid cultural fazem parte dessa incrível salada de frutas, legumes e verduras (Nunomura e Sanches, 2014).

Alguns representantes da classe política até tentaram absorver a força “política” do fenômeno dos rolezinhos, como foi o caso, na época, da ministra da Cultura Marta Suplicy.

[...] o susto das liminares conseguidas por alguns shoppings para impedir a periferia de fazer rolezinho nos seus espaços, muita reflexão e pesquisas aconteceram. As primeiras respostas e análises foram confusas e provocaram reações de medo e espanto. **O preconceito ficou escancarado**, mas os episódios acabaram provocando diálogos não pensados e inimagináveis há alguns meses. O Brasil muda e todos nós vamos ter que abrir a cabeça e repensar comportamentos frente a esta gigantesca **massa que passou a consumir**. Sem medo, sem preconceito, civilizadamente como bons

brasileiros que achamos que somos. [...] Vejo alguns processos: **ascensão social, afirmação e curiosidade** de adolescentes que merecem estudo. Ir a shoppings em grupo, como as melhores análises apontaram, não descamba para vandalismo, se o **policimento preventivo** for adequado, e no máximo faz a madame perceber que o mundo está mudando. Assim como sua empregada doméstica comprou um carro e tem direitos que nunca se imaginou que chegariam ao Brasil. A juventude que mudou de classe social e há alguns anos passou a consumir em shoppings não quer mais se manter no bairro, seja ele num shopping que já frequenta seja no espaço que sua comunidade conquistou para reuniões ou festas. **Não querem ser confinados** (Suplicy, 2014).

Mas são os posicionamentos mais tradicionais, seja nos raivosos comentários do grande público (nas páginas das reportagens e colunas), seja na análise de ícones do pensamento conservador, que dão o tom da percepção dos rolezinhos como algo que foge da normalidade e, portanto, deve ser reprimido.

Infelizmente, noto que muita gente, inclusive na imprensa, está tentando ver essas manifestações como se fossem uma espécie de justa revolta de jovens pobres contra templos de consumo da classe média. Isso é uma tolice, um cretinismo. Os shoppings têm se caracterizado como os mais democráticos espaços do Brasil. São áreas privadas de uso público, muito mais seguras do que qualquer outra parte das cidades brasileiras. Os pais preferem que seus filhos fiquem passeando por lá a que façam qualquer outro programa, geralmente expostos a riscos maiores. É uma irresponsabilidade incentivar manifestações de centenas ou até de milhares de pessoas num espaço fechado. Ainda que parte da moçada queira apenas fazer uma brincadeira, é evidente que marginais acabam se aproveitando da situação para cometer crimes, intimidar lojistas e afastar os frequentadores. **Esse negócio de que se trata de uma espécie de revolta dos pobres contra os endinheirados é uma grossa bobagem.** Boa parte dos shoppings de São Paulo, hoje em dia, serve também aos pobres, que ali encontram um espaço seguro de lazer. A Polícia precisa agir com inteligência para que se evite tanto quanto possível o uso da força. É necessário **mobilizar os especialistas em Internet** da área de Segurança Pública para tentar identificar a origem dessas convocações (Azevedo, 2014).

Em alguns casos, a própria experiência dos analistas remete ao sentido pessoal do rolezinhos, dando-nos a dimensão emocional dos episódios.

O rolê é ainda uma **vivência de grupo** onde o estado de um interfere no de todos que estão juntos. São várias brasas que se juntam e se aquecem. Ninguém vai dar rolê em chácara. O rolê deve ter diversão. Tem que tirar onda, flertar com o perigo, **provocar adrenalina**. O “rolezeiro” tem alguma coisa dentro que não pode expor no dia a dia. É no rolê que essa coisa sai do corpo. Por isso, o rolê é uma experiência que mexe com a química do organismo. A pessoa quer extravasar um estado. Nem que seja para transformá-lo em culpa e remorso. Não é de hoje que **a internet serve para marcar rolês**. Em São Paulo, pelo Orkut, MSN ou em fóruns se marcava qual rua ia ter o “paredão de som” para embalar sexo, drogas e funk. Já o shopping é o que a periferia gosta. Tem tudo compactado no mesmo espaço: loja, comida, ostentação, mulherada, curiosidade, moda, roupa, boné, celular, ar-condicionado, porta automática. Antigamente era quase impossível a pessoa da periferia ir ao shopping. Não tinha acesso. Era uma viagem, em termos de distância física e de diferença. Chegava lá e não sabia nem usar o banheiro. Um rolê no shopping há 15 anos rendia **a admiração dos que ficavam**. O “rolezinho no shopping” evoluiu dessas duas experiências: a do rolê em busca de aventura e a da busca do shopping como lugar onde a pessoa se sentia mais gente, mais vista e incluída socialmente (Spyer e Souza, 2014).

Na academia, alguns pesquisadores também produziram tentativas de explicação do fenômeno. Em geral é recorrente a tentativa de reduzir o evento a categorias (ou caixas-pretas) já estabilizadas.

As notícias nos jornais trouxeram declarações dos responsáveis pelos shopping centers e, invariavelmente, tais declarações tomaram esses jovens como invasores do espaço privado, baderneiros ou, o que dá no mesmo, perigosos manifestantes que provocam medo nos clientes. Tais declarações fazem eco ao que boa parte dos frequentadores de shoppings sentem com relação aos ‘rolezinhos’. Nas redes sociais, as postagens repercutiram em grande medida as declarações das direções dos shoppings, quando não eram ainda mais enfáticas em relação à necessidade de proibição desses eventos, prisão de seus organizadores, identificados como

*bandidos que põem em risco a segurança das boas famílias. Nada mais comprobatório das disputas por espaço, reconhecimento e direitos. Uns acham que têm mais direitos do que os outros (estranhos, mulatos, pobres, favelados, oriundos da periferia e da escola pública). Também **nada de novo**, é histórica e recorrente a face fascista das classes médias quando se sentem ameaçadas e confundidas com as camadas populares, expressão pura da luta de classes (Fígaro e Grohmann, 2014).*

Algumas análises até tentam adicionar uma carga excessivamente ideológica aos episódios.

*O caso dos “rolezinhos” evidencia um fenômeno que, na verdade, **não é, em sua essência, novo**, ao menos quanto à incursão de jovens da periferia em áreas centrais e/ou shopping centers à noite. Mas não deixa de ter na atualidade uma dimensão impactante e polêmica nas cidades, sejam metropolitanas como em cidades médias. Dramatizada pelas mídias jornalísticas e polarizada por opiniões que vão da contemporização – estes bem menos – até a acusação de um novo tipo de delinquência juvenil. Representada como uma turba de jovens selvagens e alienados (Madureira, 2015).*

Considerações finais

Rolezinho é um termo sobre cujo significado ainda não existe um consenso¹⁶. O rótulo “rolezinho”¹⁷ aparentemente foi uma apropriação jornalística, pois nem todo

evento rotulado como rolezinho era reconhecido pelos participantes como sendo um “rolezinho”. Por outro lado, o uso do rótulo serviu para dar uma certa identidade aos grupos, e ele acabou sendo adotado pela maioria dos jovens. A forma com esse termo tem sido usado e apropriado abre questionamentos interessantes sobre o surgimento de novos termos/conceitos que tentam estabilizar fenômenos mais complexos, principalmente no campo dos estudos das novas tecnologias de comunicação.

O fenômeno dos rolezinhos, apesar de guardar alguma semelhança com a ideia da TAZ¹⁸ e dos *flash mobs*¹⁹, tem características próprias e, aparentemente, é uma invenção de jovens brasileiros, uma versão territorial das invasões²⁰ dos *fatologs* (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fotolog>) e do *Orkut* (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>). Uma orkutização do espaço físico ou, como disse um dos Mídia Ninja²¹, um tipo de ataque DdoS²²?

Encontros de jovens sempre existiram, mas não com a rapidez que permite reunir quantidades tão expressivas ao mesmo tempo em um lugar, ao ponto de causar estranheza e receio no tecido social. Arrastões são fenômenos que guardam alguma semelhança com os rolezinhos, mas, ouvindo os envolvidos, é possível notar que não existe a princípio a intenção destabilizadora que parece estar na raiz destes. Os rolezinhos não têm rumo, nem cartazes, não se deslocam para uma direção específica como os protestos²³. Os rolezinhos lembram mais algo como o *Project X Haren* (http://en.wikipedia.org/wiki/Project_X_Haren), que em 2012 reuniu milhares de jovens em uma cidadezinha da Holanda convidados via Facebook para o aniversário de uma garota. A não intencionalidade de causar confusão parece ser diretamente

¹⁶ O dicionário Houaiss sugere alguma relação com um movimento da capoeira, ou com o termo francês que deu origem ao bife à rolê.

¹⁷ Na cultura midiática, a expressão “rolê” é anterior ao fenômeno e consagrada, pelo menos, desde a década de 1970, quando Gal Costa cantou “Dê um rolê”, dos Novos Baianos. Na década de 1990, a música “Chópis Centis”, dos Mamonas Assassinas, faz alusão ao tema: “Esse tal ‘Chópis Centis’ / É muicho legalzinho / Pra levar as namoradas / E dar uns rolêzinhos”. A expressão “dar um rolê” também é usada por coletivos de pichadores para se referir ao ato de sair à noite para pichar.

¹⁸ A sigla T.A.Z. (do inglês Temporary Autonomous Zone) é um conceito/proposta criado por Hakim Bey (pseudônimo de Peter Lamborn Wilson), que habita no horizonte das utopias poeticamente anarquistas e intrinsecamente iconoclastas, por isso aparentemente incompatíveis com os rolezinhos de jovens neopentecostais dançando o passo do romano no estacionamento de um shopping depois de comer no McDonald’s...

¹⁹ Um flash mob em geral tem uma proposta definida, alguma ação de terrorismo poético, com começo, meio e fim.

²⁰ No começo dos anos 2000, a velocidade com que aumentava a quantidade de usuários brasileiros nestes serviços digitais levou à popularização da expressão “invasão”.

²¹ Em uma postagem no Facebook.

²² “Um ataque de negação de serviço (também conhecido como DoS Attack, um acrônimo em inglês para Denial of Service), é uma tentativa de tornar os recursos de um sistema indisponíveis para os seus utilizadores. Alvos típicos são servidores web, e o ataque procura tornar as páginas hospedadas indisponíveis na WWW. Não se trata de uma invasão do sistema, mas sim da sua invalidação por sobrecarga” (Wikipedia, 2016).

²³ Nas jornadas de junho, a mobilização no Largo da Batata teve algo de um pré-rolezinho.

proporcional à vontade de se divertir presencialmente com seus “um milhão de amigos” virtuais. Os rolezinhos podem ser entendidos como uma derivação dos encontros de fãs, uma tietagem sem a histeria e o distanciamento dos ídolos midiáticos, ou como uma multidão que, mesmo sem fazer nada, assusta por ser multidão. Uma parte dos rolezeiros hoje tenta se organizar (ver *Ligação Teen*, 2016) como “cultura”, definindo seu lugar e negociando com as instituições algum respeito ao seu poder de mobilização e consumo.

Sem dúvida, a Cartografia de Controvérsias é uma forma interessante de abordar fenômenos complexos que envolvem atores tão diversos quanto redes sociais (Facebook, Twitter), espaços físicos (shoppings, parques), os jornais e a grande mídia (onde os cadernos de cultura acabam por contaminar as editoriais de política), jovens “alienados” e “consumistas”, ativistas, militantes de partidos, donas de casa, marcas de grifes, donos de shoppings, funkeiros, etc.

O mapa das redes envolvidas no debate sobre a controvérsia dos rolezinhos nos ajuda a ver o fenômeno a partir de perspectivas diversas, sem necessariamente tentar explicá-lo ou fechá-lo em alguma caixa-preta predefinida, o que poderia reduzi-lo a apenas uma de suas múltiplas possibilidades interpretativas, como o caso das análises que “explicam” os rolezinhos como questão de classe ou racial. Ou seja, se tomarmos o cuidado de abordar fenômenos como esse sem reduzi-los antecipadamente, podemos identificar rumos para análises mais complexas. Partindo da Cartografia de Controvérsias e com a ajuda de outros instrumentos, como a etnografia, por exemplo, quem sabe encontraremos ajuda na difícil e apaixonante tarefa da convivência.

Referências

- AZEVEDO, R. 2014. A esquerda bocó já está de olho no “rolezinho”... *Vêja*, São Paulo, 13 jan. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-esquerda-boco-ja-esta-de-olho-no-rolezinho/>. Acesso em: 01/06/2016.
- BRASIL POST. 2014. Rolezinhos: eles aconteceram no Twitter (surpresa!) (INFOGRÁFICO). Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/2014/02/04/rolezinhos-twitter_n_4724532.html. Acesso em: 10/08/2016.
- BRUNO, F. 2012. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. *Revista FAMECOS*, **19**(3):681-704.
- CUNHA, M.C. 2009. *Cultura com aspás e outros ensaios*. São Paulo, Cosac Naify, 436 p.
- DI FELICE, M. 2013a. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. *Contemporânea*, **11**(2):267-283.
- DI FELICE, M. 2012a. Net-ativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais. *Revista FAMECOS*, **19**(1):27-45.
- DI FELICE, M. 2012b. Redes Sociais Digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. *Revista USP*, **92**:06-19.
- DI FELICE, M. 2013b. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. *Matrizes*, **7**(2):49-71. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v7i2p49-71>
- DISPOSITIVOS DE VISIBILIDADE. 2011. Teoria Ator-Rede e Cibercultura. Disponível em: <http://dispositivodevisibilidade.blogspot.com.br/2011/11/teoria-ator-rede-e-cibercultura.html>. Acesso em: 10/08/2016.
- ECOEXPERIÊNCIA. 2011. ABCiber 2011 - “Ator-rede e cibercultura”. Disponível em: <http://ecoexperiencia.blogspot.com.br/2011/11/abciber-2011-ator-rede-e-cibercultura.html>. Acesso em: 10/08/2016.
- FAUSTINI, M. 2013. Rolezinho — 2014 que orkutiza 2013. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 dez. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/rolezinho-2014-que-orkutiza-2013-11181654>. Acesso em: 01/06/2016.
- FELINTO, E. 2013. Meio, Mediação, Agência: A Descoberta dos Objetos em Walter Benjamin e Bruno Latour. *E-Compós*, **16**(1):1-15.
- FÍGARO, R.; GROHMANN, R. 2014. Lutas De Classes E Os ‘rolezinhos’: Uma Abordagem Na Perspectiva Dos Estudos De Recepção. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 23, Belém, 2014. *Anais... Compós*, **1**:1-16.
- FOLHA DE SÃO PAULO, 2016. Duas jovens relatam estupro em rolezinho no parque Ibirapuera. Disponível em: <http://folha.com/no1730717>. Acesso em: 18/08/2016.
- LATOURET, B. 2000. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Editora Unesp, 439 p.
- LATOURET, B. 2004. Por uma antropologia do centro. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, **10**(2):397-413. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000200007>
- LATOURET, B. 2007. La cartographie des controverses. *Technology Review*, **0**:82-83.
- LATOURET, B. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador, Edufba, 400 p.
- LEMOS, A. 2011. Sobre cyborgs, cartografia e cidades: algumas reflexões sobre a teoria ator-rede e cibercultura. *Revista de Comunicação e Linguagens*, (42):75-87.
- LEMOS, A. 2012. Things (and people) are the tools of revolution! Ou como a Teoria Ator-Rede resolve a purificação McLuhaniana do “meio como extensão do homem”. In: E.A. VIZER (org.), *Lo que McLuhan no predijo*. Buenos Aires, La Curjia, p. 81-99.

- LEMOS, A. 2013a. A comunicação das coisas. Internet das Coisas e Teoria Ator-Rede. Etiquetas de radiofrequência em uniformes escolares na Bahia. In: PESSOA, F. (org.), *Cyber Arte Cultura. A trama das Redes. Seminários Internacionais Museu Vale*. Rio de Janeiro, Museu Vale, 1, p. 18-47.
- LEMOS, A. 2013b. Espaço, mídia locativa e Teoria Ator-Rede. *Galáxia*, 13(25):52-65.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1982-25532013000200006>
- LEMOS, A. 2013c. *A Comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo, Annablume, 310 p.
- LIGAÇÃO TEEN. 2016. Rolezinhos legalizados são sucesso em SP. Disponível em: <http://www.ligacaoteen.com.br/esporte-lazer/rolezinhos-legalizados-sao-sucesso-em-sp/73987/>. Acesso em: 10/08/2016.
- MADUREIRA, É. 2015. Territorialidade Dos Jovens Da Periferia: Uma Etnogeografia De Diversão Noturna Em Cidades Médias. *Geosaberes*, Fortaleza, 6(1):363-375.
- NUNOMURA, E.; SANCHES, P.A. 2014. Rolezinho de A a Z. *Farofafá*, São Paulo, 28 jan. Disponível em: <http://farofafa.cartacapital.com.br/2014/01/28/rolezinho-de-a-a-z/>. Acesso em: 01/06/2016.
- PARENTE, A. (org.). 2004. *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre, Sulina, 303 p.
- RIFIOTIS, T. 2010a. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de socialidade. In: T. RIFIOTIS; M.E. MAXIMO; J.S. LACERDA; J. SEGATA (orgs.), *Antropologia no ciberespaço*. Florianópolis, Editora da UFSC, p. 15-27.
- RIFIOTIS, T. 2010b. Duas ou três coisas que eu sei sobre elas, as comunidades virtuais. In: T. RIFIOTIS; M.E. MAXIMO; J.S. LACERDA; J. SEGATA (orgs.), *Antropologia no ciberespaço*. Florianópolis, Editora da UFSC, p. 71-81.
- RIFIOTIS, T. 2012. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica. *Revista de Ciências Sociais*, 12:566-578.
- RIFIOTIS, T. 2014. Etnografia no ciberespaço como repovoamento e explicação. In: RBA - XXIX Reunião Brasileira de Antropologia, XXIX, Natal, 2014, *Anais...* 1:1-19.
- SÁ, S.P. de. 2011. Ando meio (des)ligado? Mobilidade e mediação sonora no espaço urbano. *E-Compós*, 14:1-20.
- SÁ, S.P. de. 2009. Se você gosta de Madonna também vai gostar de Britney! Ou não?! Gêneros, gosto e disputas simbólicas nos sistemas de recomendação musical. *E-Compós*, 12:1-18.
- SANTAELLA, L. 2013. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo, Paulus, 376 p.
- SPYER, J.; SOUZA, D.M. de. 2014. O passado e o futuro do rolezinho no shopping. *A Tarde*, Salvador, 21 jan. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/opiniao/noticias/1562885-o-passado-e-o-futuro-do-rolezinho-no-shopping>. Acesso em: 01/06/2016.
- STRATHERN, M. 2014. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo, Cosac Naify, 576 p.
- SUPLICY, M. 2014. O novo é o rolezinho. *Brasil Post*, 10 fev. Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/marta-suplicy/o-novo-e-o-rolezinho_b_4760532.html. Acesso em: 01/06/2016.
- TIKI-TOKI [s.d.]. Disponível em: <http://www.tiki-toki.com/timeline/entry/294029/rolezinhos/>. Acesso em: 19/08/2016.
- VENTURINI, T. 2010. Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, 19(3):258-273.
<http://dx.doi.org/10.1177/0963662509102694>
- VENTURINI, T. 2012. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. *Public Understanding of Science*, 21(7):796-812.
<http://dx.doi.org/10.1177/0963662510387558>
- WIKIPEDIA. 2016. Ataque de negação de serviço. Flórida, Wikimedia Foundation. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ataque_de_nega%C3%A7%C3%A3o_de_servi%C3%A7o&oldid=46349302. Acesso em: 01/06/2016.

Submetido: 04/12/2015

Aceito: 25/07/2016